

Miséria espreita os trabalhadores autônomos

Estudo da FGV mostra que 37% dos conta-própria brasileiros não ganham sequer o suficiente para comer

Flávia Oliveira

O paralitano Severino Braga da Costa jamais teve emprego com carteira assinada. Analabeito, trabalha desde a adolescência como vendedor ambulante nos arredores da Central do Brasil, no Rio. Começou vendendo roupas. Hoje, aos 62 anos, oferece numa pequena banca óculos de sol por R\$ 1,99. Três anos atrás, chegava a vender 30 por dia — hoje, são no máximo cinco. E raras são as vezes em que consegue ganhar meio salário-mínimo.

— Ninguém compra mais nada. Estão todos desempregados, sem dinheiro — lamenta Costa, pai de 11 filhos, sete dos quais sem trabalho.

Severino Costa é um dos 15,529 milhões de trabalhadores por conta própria do país. Eles representam 23% de todos os brasileiros que trabalham, mas estão concentrados na camada mais pobre da população. Estudo do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV) revela que mais de um terço (37,06%) não ganha sequer o suficiente para comer — ou seja, tem renda familiar per capita inferior a R\$ 80 por mês. Entre os 43 milhões de indigentes do Brasil, 34,43% integram famílias chefiadas por autônomos.

— Não há segmento mais ligado à miséria brasileira que os autônomos. Apenas 15% deles contribuem para a Previdência. São completamente desprotegidos. No entanto, as poucas as políticas de combate à pobreza voltadas para eles — diz o economista Marcelo Neri, chefe do CPS-FGV e autor do estudo.

Apenas 19% dos autônomos têm empresas registradas.

Tomese como exemplo a falta de crédito. Além do insuficiente em recursos, é larca na burocracia, que repele os quase sempre informais microempreendedores. Patrícia de Souza Monteiro Teixeira teve seu último emprego com carteira assinada em 1995. Já desistiu de ter patrão, característica comum aos conta-própria — segundo Neri, os sem

carteira são os que mais sofriam com o emprego formal.

Há quatro anos, Patrícia sustenta o marido desempregado e os três filhos (de 13, 11 e 8 anos) fazendo bolos, doces e salgadinhos sob encomenda. Com os R\$ 200 a R\$ 300 de lucro por mês, vive com dificuldades — mora com a família na casa modesta da mãe, na comunidade do Chapéu Mangueira, no Rio.

— Meu sonho é abrir minha empresa, mas falta dinheiro, bem comprovante de renda, não consigo empréstimo. Se tivesse uns R\$ 4 mil, abria minha loja — calcula Patrícia, de 31 anos, que este ano retomou os estudos (está no primeiro ano do Ensino Médio).

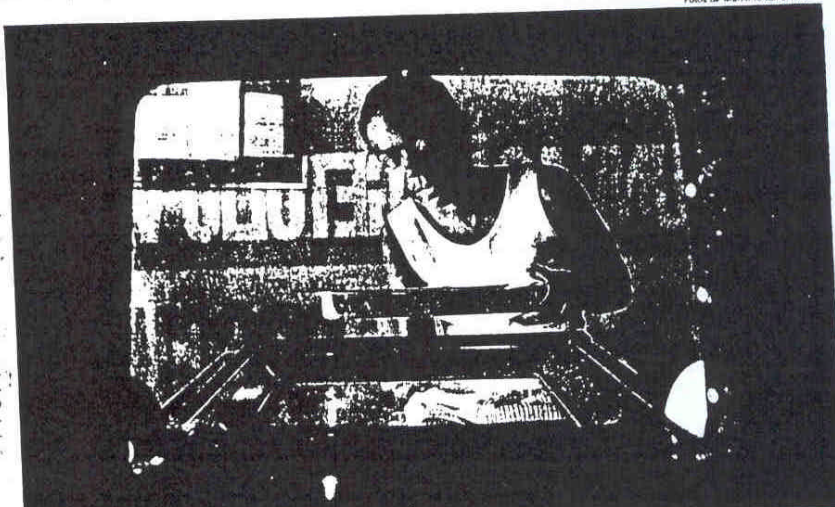
Como ela, inúmeros autônomos estão banidos do mercado financeiro e, consequentemente, de seus sonhos. O estudo da FGV mostra que apenas 14 em cada cem conta-própria tem dívidas e só 19% registraram suas empresas.

Entre os conta-própria, 6% estudaram mais de 12 anos.

— A formalização tem de ser resultado da melhoria da empresa, e não critério para a concessão do empréstimo — defende André Urani, ex-secretário municipal do Trabalho, hoje professor do Instituto de Economia da UFRJ e presidente do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets). Urani considera fundamentais as ações de apoio aos conta-própria, porque muitos deles acabam contratando trabalhadores informais. Mais da metade (51,3%) dos pobres do país estão em famílias que tem autônomos e sem-carteira como chefes, segundo a FGV.

Se comparados aos empregadores (para o IBGE, empresários com mais de cinco funcionários), os conta-própria estão em clara desvantagem. Sua renda média mensal aqui

chega a um quarto do que ganham os primeiros ricos (R\$ 1.630,94). Tem pouco mais da metade dos nove anos de estudo dos demais e apenas 6% estudaram mais de 12 anos, contra 26,7% do outro grupo. O abismo é, portanto, imenso. Mas o deslize de reduzi-lo, altamente promissor. ■



PATRICIA TEIXEIRA, mãe de três filhos, faz bolos, doces e salgadinhos sob encomenda: "Meu sonho é abrir minha empresa, mas falta dinheiro"



SEVERINO DA Costa vende óculos na Central: "Ninguém compra nada"

Retrato dos autônomos

Perfil dos trabalhadores no país



Ranking dos conta própria nos estados

Estado	População	Autônomos	Porcentagem
São Paulo	2.796.621	43.8%	
Minas Gerais	1.521.537	33%	
Distrito Federal	2.471.006	31.6%	
Rio de Janeiro	1.255.201	29.8%	
Mato Grosso	1.000.000	20.4%	

Médias de anos de estudo e renda média mensal

Estado	Anos de estudo	Renda média mensal
Rio de Janeiro	5,3	439,45
São Paulo	5,3	439,45
Distrito Federal	5,3	439,45
Roraima	6,6	6,6
Rio Grande do Sul	6,2	6,2

Fonte: Ipes (IBGE) com elaboração do Centro de Políticas Sociais da FGV

Muito estudo, pouca renda

Autônomos do Rio de Janeiro têm a maior média de anos de estudo do Brasil

■ Não há estado brasileiro onde os conta-própria tenham mais escolaridade do que o Rio de Janeiro. 7,1 anos de estudo em média. Apesar disso, os autônomos da região perdem em rendimentos para São Paulo e Distrito Federal. Para o economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), isto é um sinal de que nas terras fluminenses há dificuldades em transformar instrução em dinheiro.

O estudo de Neri revela que 22% de todas as pessoas com trabalho no Rio são autônomos. O resultado é bem inferior ao observado nos estados do Nordeste — no Maranhão a proporção é de 43,8% — mas supera os da Região Sul e do São Paulo. Os paulistas, também segundo a FGV, mostram-se mais bem-sucedidos como empresários. La 18,8% dos ocupados são conta

própria e 4,8% são empregadores. No Rio, os empresários representam 3,6%.

Nesse torneio Rio-São Paulo, os paulistas também estão levando a melhor — brinca o economista, numa referência ao campeonato de futebol entre os dois estados.

Bom humor à parte, as estatísticas mostram que o Rio tem espaço para melhorar as condições de vida de seus trabalhadores autônomos. O economista André Urani reivindica a criação do que chama de "ambiente favorável às micro e pequenas empresas", com políticas públicas voltadas à oferta de crédito, capacitação, assistência técnica e acesso a mercado. Tudo numa ação conjunta entre todos os níveis de governo, setor privado e Terceiro Setor.

Atualmente, o governo do Rio man-

tem programas de formação e de oferta de crédito a autônomos e microempresários. No ano passado, quatro mil fluminenses aprenderam num curso os passos para se tornarem microempreendedores. Nesse total, 10% foram inscritos no programa de microcrédito e vão receber em média R\$ 1.500 para tocarem suas empresas — os juros variam de 1% a 2% ao mês.

Noutro programa, destinado aos que já tem empresa há mais de um ano, os empréstimos variam de R\$ 250 a R\$ 5 mil, com juros de 2,8% a 3,6% ao mês. O superintendente do Crédito Unidados Cosme Vianna, pretende conhecer este ano oito mil empréstimos, num total de R\$ 9 milhões em recursos do Orçamento, de ONAs e da CEF. Em 2001, foram 1.321 empréstimos. (F.O.)



CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO AMBIENTAL

Coordenação: Haroldo Mattos de Lemos, M.Sc.

Em Convênio com o Comitê Brasileiro do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

Aulas: 3ª, 4ª, 5ª (18:00 às 22:00)
Sede da SEAEU, Glória
Tel: 2562-7982/7983 e 3084-1020
brasilpnuma@doma.com.br
dnuma@civil.ee.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro

20ª Turma

Pós Graduação em Comércio Exterior

ECEX
COMERCIALIZAÇÃO INTERNACIONAL

EMPRESA NACIONAL
ATACADISTA INTERNACIONAL
VAREJISTA INTERNACIONAL
CONSUMIDOR FINAL

Controle a logística da comercialização externa

Coordenação executiva: Profª Edson Pereira Guimarães
Local: Campus da UFRJ na Praia Vermelha, Urca

Na Administração de Aluguel e Condomínio

Tranquilidade acima de tudo.

Oferecemos:

- Avaliação Gratuita
- Atendimento Personalizado
- Assessoria Jurídica

ALUGUE o seu imóvel com total GARANTIA e SEGURANÇA.

